

PERFIL BIOGRÁFICO DE D. SEBASTIÃO SOARES DE RESENDE

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO

É um imperativo avivar a memória, recordando uma das maiores figuras religiosas deste século. Basta ver como aliou os atributos de investigador sério, bispo missionário, doutrinador inteligente, pastor activo, verdadeiro homem de Deus, profeta na sociedade.

Começarei por demarcar os primeiros passos da sua vida. Nasceu em Milheirós de Poiares (Santa Maria da Feira) a 14 de Julho de 1906, filho de José Joaquim Soares de Resende e de Margarida Rosa dos Santos, abastados lavradores. Seu pai tinha um temperamento de rude altivez que temos a sorte de ver descrito em *O Gaiato* pela saborosa pena do P. Américo, quando em 1944 vai a Paço de Sousa, integrando um grupo de visitantes. Narra assim o Fundador da *Obra da Rua*:

«Vinha um ancião na comitiva. *Na freguesia, só há um com mais alguns meses do que eu.* Começa a falar. Um compêndio!

Estava-se em frente de um homem justo. Faz tão bem à alma da gente ouvir almas não adulteradas! Conta de um filho que em pequenino quis ir prós estudos. Ele tinha ali filhos e netos. Falou do outro; do que quis ir estudar. Ele, Pai, não queria; *A vida do lavrador é de poucas posses.* Mas todos queriam. O rapaz também. Foi estudar pró seminário. No fim do primeiro ano, o Pai sentiu desejos de saber do aproveitamento do seu filho. Ele tinha pôsto o problema ao futuro estudante: *Olha que eu não vou pegar no chapéu na mão para dar valor a quem o não tiver.* Coisa soberba! Isto sai do peito de um homem do campo!

Tinha pôsto o problema. Desejava ver qual a maneira como o seu filho o estava a resolver. Dirigiu-se ao seminário. *Tive vergonha*

de falar aos Mestres e perguntei ò porteiro se sabia alguma coisa do meu filho. Eu escutava aquelas barbas brancas, esmagado por uma tal grandeza. Estava em frente de um Homem de braço. Braço de humildade. O braço do Filho do Homem!

Mas quem é o filho? Aquêlê filho de quem o porteiro do Seminário havia de dizer?

É o actual Bispo da Beira!

A conversa dilata-se. *Talvêz o seu filho venha vê-lo dentro em pouco,* arrisquei. Eu queria ouvir lições. Aprender. Gozar. *Não me parece,* diz êle. Vestia de luto. Filhos e netos ali presentes, da mesma sorte. *A Mãe morreu. A Mãe é que é a força.* Outra vez humildade. A grandeza da humildade. Se a Mãe fôra viva, o filho viria à sua terra natal. Assim, só por ele, não vem. Ele para que presta? A força estava toda na Mãe! Oh Beleza Increada, que dás tanta beleza aos humildes da terra! *A Mãe é a força,* continua. *E' ela a primeira a pegar no filho ò colo. O homem, grangeia e ampara as suas fraquezas.* Que grande responsabilidade não tem o Bispo da Beira! Por ser Bispo? Sim. Mais por ser filho de um tal Pai»¹.

A mãe era verdadeiramente, não só por ser mãe, uma santa e meiga senhora muito esmoler e por isso apreciada pelos pobres.

Sebastião passou a sua infância simples e serena, atento e dedicado às lides da terra, de que viviam seus pais, cuidadoso e paciente na faina do moinho, tímido e entregue ao estudo. Ficou conservado na memória da população um episódio emblemático da sua personalidade. O Pai prometeu-lhe um bandolim se cortasse um campo de erva, convencido de que não seria capaz. Mas foi. Já revelava um temperamento que não desistia de empresas grandes, porque descobria que a insistência do labor quotidiano tornava acessível o que a uma decisão instantânea e sem firmeza pareceria impossível de alcançar.

Não viveu para a sua terra natal, mas tinha-a presente. Quando partia da Beira para ser operado, a 13 de Fevereiro de 1966, escreveu no *Diário*: «Ao deslizar na estrada eu olhava para o milho, se estava bom e assim aparecia a influência da minha primeira estrutura cultural: a da terra».

¹ [AGUIAR], Américo [Monteiro de], sac. — *Visitantes*. O Gaiato. 9 de Agosto de 1944, p. 3. Também em: *De como eu fui: Crónicas de viagem*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1987, p. 272-274.

Era um homem marcado pela autenticidade, sem palavras sinuosas ou duplas, distinguido pelo aprumo de rectidão conjugado com uma alegria espontânea e afectuosa. Esta personalidade austera consigo próprio e fidalga com os outros tinha traços das suas raízes, embora delas se desligasse com determinante liberdade.

1. Formação e projecto cultural

O pequeno Sebastião revelava gosto pelo estudo e pediu para estudar no Seminário. Entra no Seminário de Vilar no ano lectivo 1923-1924 para o primeiro ano do antigo curso de preparatórios². Logo demonstra dotes de grande aplicação ao estudo. Cultiva-os diligentemente, sem se deixar envolver por nada de banal. Toda a vida académica seria marcada por provas evidentes de afeição ao trabalho. Recebe prémios literários como testemunho gratificante do esforço demonstrado.

Em 1926 matriculou-se em teologia no Seminário Maior do Porto. Era Vice-Reitor o Cón. Dr. António Ferreira Pinto, e foram seus professores também: António Bernardo da Silva (1872-1932); Manuel Maria Ferreira da Silva (1888-); Francisco Correia Pinto (1873-1952); Manuel Pereira Lopes (1880-1969); João Francisco dos Santos (1891-); António Joaquim Pereira; Manuel José de Sousa (1891-). Eram professores, desde 1926, de canto gregoriano e música: Vitorino Caetano Martins Pereira e de cerimónias: José Marques da Silva. Foi dos alunos mais altamente classificados. Recebeu a 14 de Outubro de 1928, em sessão solene, o diploma de aprovação plena dos três anos que constituíam o curso de Teologia.

É ordenado padre poucos dias depois, a 21 de Outubro. Era bispo D. António Barbosa Leão (1919-1929) e coadjutor D. António Augusto Castro Meireles, que foi quem o ordenou. No dia da ordenação celebrou a primeira missa na qual pregou o seu discípulo P. Moreira das Neves, ainda diácono.

As qualidades demonstradas pelo novo sacerdote levam o bispo a pedir-lhe para aprofundar os estudos em Roma. Inscreveu-se na Pontifícia Universidade Gregoriana onde fez o doutoramento em Filosofia e quase terminava o de Teologia. De facto, a aplicação da Constituição Apostólica *Deus Scientiarum Dominus*, no ano lectivo de 1932-33, engloba-o também. E vê-se na necessidade de preparar

² Boletim da Diocese do Porto. 1925, 11, p. 317. Citado como BDP.

uma dissertação escrita para obter o doutoramento, o que até então não era exigido. Pensa resolutamente num tema de história da teologia em Portugal. Trabalha desde o regresso a Portugal, em 1933, na preparação desta tese, que terminou e foi examinada pelos Professores Aldama e Gomes Hellin. Quando se avizinhava a partida para a defesa em 1939 estala a guerra, o que não permitiu a oficialização final do Doutoramento. Viria a publicar este trabalho em 1941.

Frequentou o curso de Ciências Sociais do Istituto de Scienze Sociali, de Bérghamo. Foi uma preparação que haveria de revelar-se essencial para a abertura do seu espírito à análise da realidade, na terra de missão. No Porto, não se lhe deparavam ocasiões de intervenção, como depois, enquanto bispo da Beira.

No dia 4 de Outubro de 1933, é nomeado professor do Seminário Maior do Porto. Vai leccionar as cadeiras de teologia sacramental e provisoriamente filosofia.

Em 1934, é escolhido para Vice-Reitor do Seminário. Logo em 1935 pronuncia uma oração de sapiência, dentro do tema que então investigava: «Acção dos teólogos portugueses no Concílio de Trento».

Aos 30 anos, em Julho de 1936, o Bispo do Porto fá-lo membro do Cabido, como cónego da Cathedral do Porto.

Nesta época revela-se bastante exigente e de temperamento reservado. A ida para África vai transformar um pouco este carácter fechado e metido consigo, ainda que mantenha sempre ao longo dos seus dias o rigor da vida pessoal, a entrega ao trabalho e o cumprimento disciplinar.

Conta um seu amigo que neste tempo de professor no Porto usava no interior da batina um engenhoso aparelho, constituído por duas fiadas de contas, que corriam cada qual em seu arame. Uma das fiadas contabilizava as más acções e a outra as boas. Quando considerava incorrer nalgum destes casos, deslocava as contas. À noite, poderia fazer o balanço, no exame de consciência, em ordem a retirar da vida actos que etinha maus. Este dispositivo era difundido por um jesuíta que o acomelhava aos seus dirigidos. Possuía também um caderninho em que anotava os defeitos que precisava de corrigir e as virtudes a adquirir ³.

³ SILVA Pinho da — *Dá licença, Senhor Doutor?* Comércio do Porto. 3 Fev. 1967, p. 1.

Desde a vinda de Roma até ser eleito Bispo dedicou o tempo ao estudo da história da teologia e do pensamento católico português. Gastou alguns destes anos (1933-1938) «distribuindo avaramente as horas pelo cumprimento dos [...] deveres e pelo trabalho persistente da preparação da tese»⁴.

Tinha, o ainda P. Sebastião, «consciência plena do valor do apóstolado intelectual»⁵. E este desejo não era uma pura veleidade teórica, pois sustentava-a um homem que fundia «as suas resoluções numa persistência metálica»⁶. A determiná-lo para este trabalho não esteve um simples «impulso carnal», mas uma «convicção cada vez mais radicada no meu espírito de que neste quartel do século XX [1925-1950] se precisa muito de um forte movimento intelectual de doutrinação filosófica e teológica bem orientada»⁷. Era um projecto que animava estes anos de investigação, quase uma «cruzada espiritual», no clima de «bem doseado nacionalismo» para «atrair para as fileiras da vanguarda a juventude» e daí convencer as elites e conquistar a multidão⁸.

Defende que a Teologia é essencial a uma Universidade. «Uma Universidade sem uma faculdade de Teologia não pode ser realmente uma verdadeira Universidade»⁹. Ele admira a concepção e organização do ensino medieval e afirma, com a clareza determinada que nunca abandonou, que «quando o espírito das *Enciclopédias* tende a sobrepor-se ao espírito das *Sumas* é a visão parcial que triunfa da sua visão integral»¹⁰.

A basear e fundamentar a referida visão está a contemplação do movimento doutrinário dos séculos XVI e XVII. E por isso garante: «sempre que a actividade teológica toma um movimento de envergadura em extensão e profundidade começa por exercer um grande predomínio no campo intelectual». É neste quadro mental que augura e quer contribuir para uma «grande cultura teológica em Portugal», porque a nação e a sociedade tirarão benefí-

⁴ *O Sacrifício da Missa em D. Frei Gaspar do Casal*. Porto: Liv. Tavares Martins, 1941, p. VII-VIII.

⁵ *Ibidem*, p. VIII.

⁶ *Ibidem*, p. IX.

⁷ *Ibidem*, p. IX.

⁸ *Ibidem*, p. IX.

⁹ *Ibidem*, p. XIII.

¹⁰ *Ibidem*, p. XII.

cio desta subordinação à Teologia, visão mais alta, que dá luz a todo o saber ¹¹.

Observa que há uma recuperação do pensamento português na actualidade e adverte que a restauração do pensamento tradicional português exige uma «grande cultura teológica», indispensável para não atentar contra a história, nem ferir a verdade ontológica ¹².

A «decadência da Teologia» considera-a um dos males do tempo ¹³. Para contrariar isso, quer contribuir com o seu esforço de investigação.

Este ideário está na sua mente logo que regressa de Roma. Vem com este programa já fígado. Num artigo do *Boletim da Diocese do Porto*, de 1933, conta a aspiração que enchia o seu peito:

«Quando havemos de reatar o fio luminoso das escolas de Coimbra e Évora, reconquistando a nossa posição intelectual na história do pensamento» ¹⁴. Sente descontentamento pela restrição que vive o pensamento intelectual católico de então.

Animava-o uma consciência viva da «vocação cultural de Portugal» e entrega-se com convicção à defesa desta missão. Projecta-a na aurora da história pátria, com Santo António e Pedro Hispano a marcar um rumo, vê-a crescer no percurso de tantos mestres do pensamento que atingem o apogeu no século XVI, com a presença assinalável no Concílio de Trento, ao qual dedica a maior parte do estudo que lhe deixaram realizar.

Esse estudo tem a finalidade declarada de pôr em marcha a «actual geração eclesiástica portuguesa» para o «rumo cultural perdido» ¹⁵.

Atento ao desenrolar do pensamento, entra numa polémica com Aquilino Ribeiro. O ponto de partida está na publicação por este autor, em 1940, de uma tradução do latim da obra *Em prol de Aristóteles*, de António de Gouveia. O lugar da polémica é o jornal *Novidades*. Queixa-se Sebastião Resende de mau tratamento da figura de António de Gouveia, que sai «apoucada» do prefácio que Aquilino Ribeiro

¹¹ Cf. *Ibidem*, p. XIV-XV.

¹² Cf. *Ibidem*, p. XV.

¹³ Cf. *Ibidem*, p. XVI.

¹⁴ *Programa Intelectual*. BDP. 1933, 19, p. 218-226.

¹⁵ *Portugal e a doutrina dogmática da comunhão*. Porto: Porto Médico, 1943, p. 5.

antepõe à tradução¹⁶. Além disso, a escolástica decadente é que deve ser criticada. Responde o autor do *Malhadinhas* numa carta ao Director. Garante, citando o seu próprio prefácio, que tem alta estima pela larga cultura de António de Gouveia, considera abstrusa e esterilizante a dialéctica da escolástica decadente, aprecia o *Organon* de Aristóteles e defende-se de alguns termos utilizados no seu prefácio como «Ponte dos asnos» e estarem os estudantes de teologia sentados sobre os calcanhares ou em fochas de palha. Diz que não é sua a referência e se assim estavam os estudantes era por não haver melhor. Sebastião Resende contra-ataca e declara que a finalidade que o animava era defender a escolástica. Ponto-por-ponto argumenta acerca da razoabilidade da sua crítica anterior, pondo em contradição o que Aquilino Ribeiro agora diz com o que está noutros passos do prefácio. Aquilino Ribeiro vem, na semana seguinte, tecer novas observações, reafirmando que se referia à dialéctica decadente e que o *Organon* é «código assombroso» quanto ao método, mas é «disciplina formal, engenhosa, mas estéril», do ponto de vista pedagógico, «enquanto matéria levada na Universidade de Paris até à exaustão»¹⁷. Por isso o que quer atingir é a «viciação que sofreu nas escolas a lógica aristotélica». No final declara que teve «prazer em travar conhecimento com o senhor Sebastião Resende, a cuja cortesia, agilidade mental, ardor combativo, sendo preto cordial»¹⁸.

Finalmente, o crítico Professor do Seminário do Porto vem concluir a discussão, começando por salientar o prazer intelectual da discussão serena, da polémica orientada pela inteligência. Não deixa por isso de contestar, ainda, uma afirmação de Aquilino Ribeiro que atribui a «viciação» já referida a um germen já presente na lógica de Aristóteles. É contundente na defesa desta lógica que por ser mal usada não passa a ser má. Outros, como reconhece o próprio Aquilino, usaram-na bem.

Defende-se também da acusação de «lusitanismo insaciável» por ter traduzido para português (Pedro Ramos) o nome de Pierre de la Ramée ou Petrus Ramus. Cita outros autores para se justificar. Hoje sabemos que está cientificamente errado, mas estávamos em 1940.

¹⁶ *Em prol de Aristóteles: Um prólogo de Aquilino Ribeiro*. Novidades: Artes e Letras. 16 Fev. 1941.

¹⁷ RIBEIRO, Aquilino — *Abóboras no telhado*. Lisboa: Impr. Portugal-Brasil, 1956, p. 255.

¹⁸ *Ibidem*, p. 257.

São estes os passos de uma «polémica modelar», de razões contra razões. Pode considerar-se Sebastião Resende um crítico «leal e probo» como o próprio visado o faz ¹⁹.

Além desta polémica, salientou-se pela promoção dos estudos tomistas e de vários números especiais de *Letras e Artes*, suplemento do jornal *Novidades*.

A Acção Católica dava os primeiros passos no Porto e ele acompanhou-os com zelo pastoral e visão cultural alargada.

Participante no Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências, realizado no Porto, de 18 a 24 de Junho de 1942, escolhe um tema dentro do seu projecto: *Portugal e a doutrina dogmática da comunhão*. Viria a ampliar este trabalho e a publicá-lo como livro, em Janeiro de 1943. Trata da presença dos teólogos portugueses no Concílio de Trento, particularmente de Fr. Gaspar do Casal.

2. Bispo da Beira

A diocese da Beira tinha sido criada pela Bula *Solemnibus Conventionibus*, de 4 de Setembro de 1940 ²⁰. A 21 de Abril de 1943 é designado por Pio XII, como primeiro bispo, Sebastião Soares de Resende. Esta nomeação vem interromper um programa curioso de estudo, mantido com constância até às vésperas da eleição. Ainda assinava em Janeiro de 1943 o Prefácio da obra *Portugal e a Doutrina dogmática da comunhão*.

É ordenado bispo na Sé do Porto a 15 de Agosto. São sagrantes: D. Agostinho de Jesus e Sousa, bispo do Porto, D. António Antunes, bispo de Coimbra, e D. Rafael Maria da Assunção, bispo titular de Limira. Antes da ordenação faz um retiro, em Cucujães, de 4 a 10 de Agosto. Aí se determina a dar-se todo: «devo imitar a Nosso Senhor com a cruz às costas» ²¹.

Escolheu para as armas episcopais a frase «Por Cristo, com Cristo e em Cristo». Encarregou o conhecido heraldista Armando de Matos de as compôr e descrever:

«Em campo azul um pelicano alimentando os filhos com o seu próprio sangue, acompanhado à direita por uma cruz sobreposta

¹⁹ *Ibidem*, p. 233.

²⁰ Cf. AAS. 1941, 33, p. 14-18.

²¹ *Escritos espirituais*. Porto: Esc. Tip. Oficinas de S. José, 1967, p. 42.

de um sol, abaixo do cruzamento dos braços, e à esquerda de um bastão alado, enleado de duas serpentes cujas cabeças estão apontadas, tudo de oiro, um chefe, um triângulo do mesmo, tendo no centro um olho, do mesmo, flamejante.

Entre chefe do oiro, com uma palma verde passada em aspa com um bastião de negro, acompanhado de três rosas de vermelho, de oiro.

Bordadura de prata, carregada de cinco escudetes azuis, cada um com cinco besantes de prata.

Bordo inteiro da bordadura, um rosário de púrpura.

O escudo elipsoidal é rematado superiormente por uma cruz latina, acompanhada à direita por uma mitra e à esquerda de um báculo, ambos de oiro.

Este conjunto assenta numa tarja azul, forrada de oiro.

Sobrepõe-se a tudo um chapéu eclesiástico da categoria de Bispo que é de negro, forrado de verde e de cordões com seis nós e borlas do mesmo, sendo seis de cada lado.

Inferiormente uma filacteria de prata com a seguinte legenda a negro: 'PER IPSUM ET CUM IPSO ET IN IPSO'»²².

Depois de várias homenagens que lhe são feitas na Feira e em Milheirós, parte de barco. Chega à Madeira a 25 de Outubro, a S. Tomé a 7 de Novembro. Toma posse da diocese no dia 8 de Dezembro de 1943. Publica então a primeira pastoral que é de saudação. Já aparece aí evidente o fulgor de quem percebia o problema religioso de África, não temia o futuro e sonhava com empreendimentos de vasto alcance. Vai encontrar quase tudo por fazer a nível da evangelização.

Providenciou para que fossem criadas estruturas aptas a intensificar a evangelização. Para isso fundou novas paróquias e missões: em 1944, a missão de St^a Teresinha do Menino Jesus em Machanga; em 1945, S. Francisco de Assis em Chibabava; a do Imaculado Coração de Maria em Fonte Boa-Angónia; Santo António da Barada, em Sofala; em 1946, a de N. S. Fátima em Murraça-Sena; em 1947, a de S. Benedito na Manga (Beira); a de Cristo Rei na Gorongosa; a de St^a Teresinha do Menino Jesus em Chemba; a de N.^a S.^a da Conceição na Marara; em 1948 a de S. Paulo Apóstolo em Vila Gouveia-Barwé; em 1949, a de N.^a S.^a do Carmo em Inbamgoma-Mutarara; em 1950 N.^a S.^a de Fátima em Gondola; N.^a S.^a da Conceição em Zoubwé-

²² D. SEBASTIÃO Soares de Resende. Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau. 1967, 65, p. 151.

-Moatize; em 1952, N.ª S.ª de Fátima na Beira; Imaculado Coração de Maria no Alto da Manga; em 1955, N.ª S.ª das Graças no Buzi; em 1956, S. Pedro Claver em Carre-Mutarara; N.ª S.ª do Sameiro; Sagrado Coração de Jesus em Ucanha-Marávia; em 1957, Sagrado Coração de Jesus, em Guronga; S. Miguel de Chiritze; em 1958, S. João Baptista de Moatize; S. Pedro e S. Paulo em Marera-Chimoio; Santa Ana do Dondo; em 1960, Sta. Maria do Mucumburi em Magué; em 1961, a de S. José de Guengue no Buzi; em 1965, N.ª S.ª Rainha do Mundo em Donde-Manica ²³.

Alves de Sousa acrescenta na sua lista outros lugares de paróquias e missões: Dombe, Estaquinha, Lundo, Munhava, Matacuane, Inhaminga, Marromeu, Sussundenga, Soalpo, Macuti ²⁴. E o Bispo da Beira tem de enfrentar reacções à criação destas missões, porque as autoridades «querem o preto selvagem para continuar a ser animal de carga. Mas as missões hão-de ir quer queiram ou não» ²⁵. Já no ano anterior dizia: «Censurar as missões e o seu serviço [...] equivale a criticar o advogado por exercer a advocacia, o médico a medicina...» ²⁶.

Convidou mais congregações missionárias para organizar a vida pastoral. Estavam já actuaentes: as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria (Beira), Franciscanos (Beira, Zambeze, Manica e Limpopo), as Irmãs de S. José de Cluny, que colaboram no Colégio de S. José, e os Jesuítas (Zambeze e Tete). Chamou de novo para a diocese as Irmãs Vitorianas (1946), dedicadas desde logo ao hospital Rainha D. Amélia, em 1950 ao hospital de Macuti e em 1958 ao hospital do Chimoio; os Padres Brancos (1946), que fundaram as missões de Magagade, Chemba, Gorongosa, Mutarara, Zobwe e Charre; os Irmãos Maristas chegam em 1948 e colaboram no Instituto Liceal D. Gonçalo da Silveira. No mesmo ano fundam as Irmãs Hospitaleiras uma casa na missão de Macequece e em 1953 outra em Mossourize. D. Sebastião Resende com persistente cadência vai juntando trabalhadores à messe. Em 1951 são as Franciscanas de Calais à missão de S. Benedito na Manga. Estavam já presentes na missão de Chupanga (1938), no

²³ Cf. *Ibidem*, p. 148-149.

²⁴ Cf. SOUSA, J. A. Alves de — *Arquidiocese da Beira (resenha histórica)*. Beira: [s.n.], 1988, p. 37.

²⁵ *Diário*, 6 de Junho de 1946.

²⁶ *Fé, vida e colonização* [1.12.1945]. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1945, p. 42.

Colégio de N.^a S.^a da Conceição do Chimoio (1945) e na missão de Amatonga (1948).

Também congregações com tradição missionária em Moçambique, como os Jesuítas, se fixam na Angónia em 1942 e na paróquia de Fátima em 1952. Nesse mesmo ano as Irmãs Franciscanas Missionárias da Mãe do Divino Pastor assumiram o trabalho nas missões de Gorongosa e Murraça.

Em 1954 chegou o primeiro missionário (da Sociedade de S. Francisco Xavier) de Burgos à paróquia de Miruro em Tete. As Irmãs Mercedárias viriam juntar-se a estes em 1959.

Os Padres dos Sagrados Corações de Jesus e Maria (Picpus) chegam em 1956 e tomam o encargo das missões de Inhaminga, Muanza (Gorongosa) e Dondo. No mesmo ano vêm as Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus para o Infantário da Beira.

As religiosas do Sagrado Coração de Maria colaboram na escola de professores do Dondo a partir de 1961. As Irmãs Filhas de S. Paulo abrem uma livraria em 1967.

Os colaboradores deste pastor incansável, que percorre as missões e vai criando estruturas adequadas, vão aos poucos engrossando as fileiras. Inicialmente a Diocese da Beira abarcava mais de um terço de Moçambique. Eram 360.645 Km², com uma população de dois milhões de habitantes. Os católicos nativos eram 32.780, 3.600 os católicos europeus, 1.800 os de outras partes; 7.110 era o número dos catecúmenos.

O pessoal missionário, no início de 1942, era constituído por 28 padres (10 padres seculares, sendo 4 indianos, 13 franciscanos e 5 jesuítas), 8 irmãos auxiliares e 21 religiosas (13 Franciscanas Missionárias de Maria, 5 Franciscanas Hospitaleiras do Imaculado Coração, 3 Franciscanas de Calais).

Em 1967, ano da morte do D. Sebastião Resende, a Diocese está reduzida a quase um terço da extensão inicial, com 790 mil habitantes. Conta agora: 13 padres seculares, 61 de ordens religiosas, 163 missionários de diversas congregações católicas; os fiéis distribuem-se do seguinte modo: 60.102 negros, 31.726 brancos, 4.488 mistos, o que soma 129.158 ²⁷.

²⁷ Cf. SILVA, Manuel Ferreira da — *Tríptico moçambicano — Sofala, Sabá e Ofir*. Braga: Gráf. S. Vicente, 1967, p. 173.

A construção de novas igrejas contou com o seu estímulo constante, quais espaços fundamentais para a celebração da fé e transmissão da mensagem.

Sabia porém que as construções nada valem se não houver dinamismo da vida cristã. Para dar resposta a essa necessidade, criou o catequistado de Nazaré e o Centro de Pastoral da Beira. Vários movimentos mereceram o seu incentivo e impulso. É o caso da Acção Católica, Legião de Maria, Cursos de Cristandade.

Preocupou-se com os meios de comunicação da mensagem evangélica. Foi devido ao seu ânimo de pastor que se iniciou o *Diário de Moçambique* em 1950. E a Rádio Pax, criada pelos Franciscanos em 1954, teve todo o seu apoio.

Foram várias as viagens que fez ao estrangeiro por motivos apostólicos. Foi o caso da deslocação a vários Estados da América do Norte e a presença no Brasil, em 1951. O principal objectivo era sensibilizar para os problemas africanos e encontrar meios financeiros para o jornal diocesano. A recepção no Brasil foi calorosa. A Academia Brasileira das Letras nomeou-o sócio correspondente na África Oriental Portuguesa. Foi saudado por Gustavo Barroso. D. Sebastião Resende respondeu discursando durante hora e meia sobre os problemas económicos, sociais e missionários de Moçambique.

Também as várias colónias portuguesas homenagearam D. Sebastião (Rio, São Paulo etc).

Destinado à formação do clero e entregue aos Padres Brancos, fundou a 10 de Setembro de 1949 o Seminário Menor de S. João de Brito no Zóbué (Tete) e viria a ordenar dois diocesanos moçambicanos a 15 de Agosto de 1964, na Igreja Paroquial do Macuti.

O sector da educação e ensino considerava-o essencial para o futuro. A organização na Beira de um Encontro Provincial dos Religiosos para o ensino, com o convite a mestres de Lisboa, teve larga repercussão. Incentivou centenas de salas de aula para adaptação à primária. Lançou o ensino secundário na Beira com o Instituto Liceal D. Gonçalo da Silveira (1948), confiado aos Irmãos Maristas; o Colégio diocesano de N.ª S.ª dos Anjos, para o sexo feminino, na cidade da Beira, confiado às Franciscanas Missionárias de Maria; o Colégio de Vila Pery, confiado às Irmãs Franciscanas de Calais; o Colégio diocesano de Santa Clara, em Macequece, entregue desde 1958 às Franciscanas Hospitaleiras; o Colégio diocesano de S. José, em Tete (1951), confiado às Irmãs de S. José de Cluny. Defende que para além das escolas primárias e secundárias se avance na construção

de escolas profissionais (artes e ofícios) e escolas de formação superior, escolas normais para formação de professores nativos de Inhanga e Dondo (além de Boroma, em Outubro de 1945, e Tete), bem como o Infantário da Beira²⁸. Lança, na Pastoral de 1951, a ideia da criação de uma Universidade na África Oriental, localizada em Moçambique, o que facilitaria o acolhimento de alunos do oriente e do ocidente²⁹. E não seria uma Universidade transplantada. Teria cunho profundamente local³⁰.

No arquivo familiar, conserva-se uma carta do Cardeal Teodósio Clemente de Gouveia, datada de 9 de Dezembro de 1960, dirigida ao Bispo da Beira, na qual lhe pede que pense com o bispo de Quelimane e o de Nampula na fundação de um Seminário Maior no centro da Província para começar a funcionar a partir de Outubro de 1961.

3. Vulto profético

Os seus muitos esforços de luta pela justiça não eram muitas vezes compensados com vitórias, mas o homem de persistência metálica não se deixava tolher.

Desde logo, em 1945, com a Pastoral sobre «Fé, vida e colonialismo», D. Sebastião causa atenção no meio político. A preocupação pelos problemas sociais põe de sobreaviso o regime. Em 1954 é a carta sobre a «Hora decisiva em Moçambique» que atinge o ministro do Ultramar. A palavra denunciadora do Bispo da Beira irrita o governo.

Mas é em 1957 que a questão se azeda. Trata-se do caso da construção do Colégio dos Maristas na Beira, prometida pelo ministro do Ultramar, Raul Ventura. O Governo opta por um liceu público. Então o bispo questiona o ministro e trocam correspondência. Recusa-se a recebê-lo e não aparece na despedida do Presidente Craveiro Lopes e do ministro que visitavam a Beira. Na Pastoral desse ano denuncia a deslealdade do ministro, ao perguntar: «se um homem

²⁸ Cf. *Problemas do ensino missionário*. Beira: Tip. da Escola de Artes e Ofícios, 1962, p. 7; *O Problema da Educação em África* [1.12.1951]. Lourenço Marques: Impr. Nac. de Moçambique, 1952, p. 8.

²⁹ Cf. *Ibidem*, p. 48.

³⁰ Cf. *Ibidem*, p. 61. Agradeço ao P. Sebastião Martins Luís Brás, sobrinho do Bispo, toda a ajuda concedida na consulta de alguns elementos inéditos.

procede desta maneira, que lhe resta digno de ser homem?». Ventura responde. Salazar toma posição. Considera a matéria como não abrangida pelas liberdades da Concordata, porque fora do âmbito do ministério pastoral. Por isso devia estar sujeito à censura. O governo «não prescinde de que o Bispo reponha em público a verdade dos factos e a Santa Sé informe o governo da sanção que vai aplicar ao prelado para satisfação da verdade, da consciência pública e dignidade do poder». Salazar chama o Núncio e põe-lhe o problema; e o Núncio confessa-se «desolado» e promete intervir. De repente, o bispo da Beira surge como polarizador da oposição em Moçambique e bandeira de aspirações locais; toda a hierarquia tem conhecimento do conflito e formam-se solidariedades, umas com o Bispo e outras com o governo ³¹.

Este não consegue que venha qualquer desculpa de Sebastião.

A posição de Franco Nogueira não consegue ser imparcial, ao afirmar:

«torna-se claramente uma figura de oposição; homem de boa virtude, iluminado, e impregnado de amor a Moçambique, a Dom Sebastião falta prudência de governo numa diocese melindrosa e concentra, no Ultramar, toda a simbologia do movimento anticolonialista, toda a crítica à administração portuguesa, e permite que seja cultivado e acaso aproveitado por alguns círculos norte-americanos. Para com Salazar, sente-se possuído de grande ressentimento; e em carta ao seu colega do Porto refere-se ao presidente do Conselho, e trata-o de 'chefe manhoso e terrível'» ³².

De facto, em 1959 o Bispo da Beira ataca de novo os problemas sociais. Assim responde às queixas. A Pide apreende a carta que chega a ser falada na ONU. Daí a referência do texto de Franco Nogueira aos norte americanos.

Com a morte do Cardeal Gouveia em 1962, o Secretário dos Negócios Extraordinários da Santa Sé recordou ao Embaixador Leite de Faria a pessoa de D. Sebastião para ocupar o arcebispado de

³¹ Cf. NOGUEIRA, Franco — *Salazar*. Coimbra: Atlântida Ed., 1980, vol. 4, p. 458. Não se refere o autor a uma nomeação de D. Sebastião para bispo de Braga, que consta Salazar impediu, quando D. António Bento Martins Júnior, em 1963, é substituído por D. Francisco Maria da Silva.

³² Cf. *Ibidem*, Porto: Civilização, 1984, vol. 5, p. 19.

Lourenço Marques. Salazar não foi na ideia de que uma promoção faz mais fáceis as pessoas de temperamento difícil, como sugeria o Vaticano. E o nomeado foi D. Custódio Alvim, obediente em relação ao poder. O seu modo de proceder vai causar conflitos entre facções do clero.

A censura vigia o jornal da diocese. Nem os católicos afectos ao regime conseguiram perceber que os problemas sociais e políticos eram incluídos nas questões doutrinárias do cristianismo, que possui uma espiritualidade incarnada na vida toda. O *Diário de Moçambique* seria suspenso três vezes. Havia grupos políticos que tiravam partido e faziam do bispo uma bandeira. Isso é que perturbava o Governo, mas como o Bispo tinha uma intencionalidade de pura ingenuidade evangélica gerava-se um conflito que vias diplomáticas não resolviam.

O diplomata Leite de Faria vai tentando valorizar a «imagem» do Bispo junto de Salazar e, se não consegue que seja Arcebispo, prepara um encontro entre os dois. Acontece em 1965. Antes, porém, narremos o evoluir da questão.

O Bispo da Beira publicou no *Diário de Moçambique* de 15-12-1964 uma *Nota Pastoral* em que tecia considerações críticas sobre a suspensão do jornal, determinada pelo Governador-Geral de Moçambique. Esta nota não foi à censura prévia. A Comissão de Censura interroga o Director, Dr. João Lourenço do Patrocínio Mesquita, sobre esta falta. Trava-se correspondência vária. A 31 de Dezembro a Comissão informa o Director do jornal que a «nota» tinha de ir à censura porque não dizia respeito «nem ao governo da Igreja, nem ao ministério pastoral», contemplados na Concordata. O Bispo, em carta de 15 de Março de 1965, dá ordens ao Director. Todos os escritos que envie para ser publicados e por si mesmo sejam considerados isentos devem vir à luz no *Diário de Moçambique*. As posições estavam declaradas.

Nas comemorações do 25º aniversário do Acordo Missionário, dia 9 de Maio de 1965, foi celebrada missa na Catedral de Lourenço Marques pelos oito bispos. A homilia pertenceu ao Bispo da Beira. No dia 10 de Maio lá estava transcrita no *Diário de Moçambique*, sem censura. A Comissão vem a terreiro e pede esclarecimentos ao Director. Responde a 13 de Maio o Director declarando que a «Meditação» não foi à censura prévia porque assim o ordenou o bispo e que foi proferida no exercício do *múnus pastoral*.

O Governador-Geral em despacho de 22 de Maio considera infringida gravemente a ordem da censura e determina a suspensão do jornal por 10 dias e informa o ministro do Ultramar, Dr. Joaquim Silva Cunha. Era uma «acção pedagógica» acordada com o ministro ³³.

É então que se dá o encontro com o Presidente do Conselho. Salazar mostra-se compreensivo: «se fosse censor, não teria feito os cortes; se fosse bispo, teria respeitado os cortes». O Bispo percebe a gentileza da conversa, mas envia à Santa Sé e ao Núncio as suas queixas.

Quando chega a Lisboa o eco desta informação, Salazar clarifica a sua posição. Mons. Samoré, da Secretaria de Estado do Vaticano, fala a António de Faria no caso. Trata-se da falta de observação da Concordata na questão da censura às mensagens do prelado. Salazar, segundo nos informa Franco Nogueira, esclarece o embaixador. «Recebi efectivamente a visita de D. Sebastião Resende, por uma hora e um quarto, e não nos demorámos mais porque eu tinha gente à espera». E «a conversa pode dizer-se que foi agradável, embora sobre assuntos delicados; sei que o Bispo ficara muito satisfeito e confessou-o a mais de uma pessoa». Falara-se da censura à homilia, que «eu tinha lido felizmente» ³⁴.

A interpretação que Salazar dava da Concordata era esta: tudo o que dizia respeito ao governo da Igreja, dogma, moral e disciplina estava livre, mas, se se ocupasse de problemas económicos e sociais, então a autoridade tinha «o direito e até o dever de intervir». Na conversa, lamenta-se o caso da reunião episcopal de Moçambique. E o Presidente do Conselho adverte Samoré que é melhor não querer rever a Concordata senão a Santa Sé ainda vai arrepender-se ³⁵.

Em Milão a revista *Domenica del Corriere* considera o encontro do Bispo com Salazar «borrascoso». Em Roma, alguma imprensa ligada à Santa Sé apresenta D. Sebastião como «corajoso» e chega a sugerir o seu nome para Patriarca de Lisboa ³⁶.

D. Sebastião decide recorrer aos tribunais. O tribunal para o caso é o Conselho Ultramarino, que não dava garantia de independência e imparcialidade. O tribunal julgou-se incompetente porque o acto do

³³ Cf. LIMA, A. Carlos — *Caso do Bispo da Beira: Documentos*. Introdução e notas. Barcelos: Livr. Civilização, 1990, p. 12-13.

³⁴ NOGUEIRA — *Salazar*, 1985, vol. 6, p. 59.

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 59-60.

³⁶ Cf. *Ibidem*, p. 60.

Governador-Geral não constituía acto administrativo definitivo e executório. O Bispo da Beira viria a falecer sem o caso estar terminado.

Pode ser considerado um «resistente» ao regime salazarista³⁷. Não é uma resistência meramente pontual e episódica. Essas manifestações são apenas o realismo da sua notabilíssima doutrinação, capaz de ir mentalizando e movendo outras gerações. É um potencial destinado a abrir o olhar à justiça pela denúncia dos limites que lhe eram impostos, encetar caminhos de verdade e não de ocultamento, criar esperança na solidez da luta, renovar as atitudes de fé na construção de um Reino ao estilo de Jesus, no concreto daquela terra que adoptou como sua. Se as suas posições eram antigovernamentais, não havia qualquer intenção nele de ser contra ninguém, nem qualquer intuito político de que viria a ser acusado por alguns. Era a fidelidade à sua missão de pastor e o amor desapegado àquela porção da humanidade que o faziam levantar a voz da denúncia e o empurravam para ser profeta, quando o temperamento era avesso a qualquer atitude indisciplinada. Havia dentro da sua alma uma coerência de vida que não admitia recuos doutrinários ou cedências aos princípios. Assim escreve no *Diário* pessoal, no dia 30 de Janeiro de 1963:

«Foi publicada a minha palestra sobre o jornalista na qual falei da censura, mas bastante suavemente. Até hoje não ouvi falar em reacções. Aguardo serenamente. Se não mudarem, voltarei a campo e com força».

Quem se bate pela verdade, com inteira coerência de vida, ganha espaço de liberdade por dentro da alma e revelá-la a outros ou exigí-la ao poder é corolário imediato.

É neste contexto que se ergue a defesa dos direitos humanos.

Partindo da afirmação clara da união dos valores da justiça e da caridade para garantir a paz, aplica esse princípio às situações vitais dos indígenas. Há injustiças clamorosas que vitimam os negros. Por exemplo, a imposição pelos ricos da exploração de algodão exclusivamente a negros³⁸. Outra realidade social que o inquietava.

³⁷ Cf. FREIRE, José Galdes — *Resistência Católica ao Salazarismo-Marcelismo*. Porto: Telos, 1976, p. 47.

³⁸ Cf. *Ordem Anti-comunista* [1.12.1949]. Lourenço Marques: Impr. Nac. de Moçambique, 1950, *Hora Decisiva de Moçambique* [1.12.1953]. Lourenço Marques: Impr. Nac. de Moçambique, 1954, p. 140; p. 120.

Assim a descreve:

«[...] a vida do indígena na palhota, em companhia da mulher e dos filhos, encontra-se permanentemente ameaçada pelo temor e suspeita constantes da chegada de alguém a qualquer hora do dia ou da noite, para os arrebatam ao lar tão bruscamente que nem podem anunciar à família o lugar do seu destino, ou porque o ignoram ou porque nem tempo lhes resta para tanto»³⁹.

Era a denúncia dos contratos para trabalhar em quintas agrícolas, feitos com mistério e de imprevisto.

As visitas ao interior do mato davam ao Bispo da Beira a oportunidade de contactar com as situações reais. Passava às vezes o dia inteiro sem comer e dormia onde calhava estar. A confirmação da fé, a palavra amiga e o bom conselho eram momentos particularmente alegres da sua vida pastoral. Mas despede-se «com o coração a sangrar de dor» por ver as barbaridades que se cometem⁴⁰. A vivência concreta da realidade africana permitia-lhe antever o futuro que infelizmente ainda hoje é de impressionante actualidade:

«Haverá no futuro muito sangue a correr na África: são as fronteiras, é a selvageria, são as rivalidades tribais, é a pobreza da economia etc. África terra de mártires no futuro»⁴¹.

Logo em 1960 escreve, na introdução ao primeiro volume da colecção *Páginas de doutrinação moçambicana*, que a «África está vivendo as suas horas de decisão definitiva. Ela começa a sair da sua labiríntica encruzilhada»⁴². Porém, o «rumo trágico» que assumiu em certos territórios e o «perigo iminente», que venha a tomar noutros, fazem-no traçar um quadro revelador de prevenção sábia:

«As forças de jacto humano em propulsão comunitária são inevitáveis e, por consequência, não há que perder tempo tentando imobilizá-las — é impossível —, há que imprimir-lhes, na devida

³⁹ *Colonização portuguesa: Sentido, objecto, factores* [1.12.1946]. Lourenço Marques: Impr. Nac. de Moçambique, 1946

⁴⁰ *Diário*, 5 de Junho de 1945.

⁴¹ *Ibidem*, 31 de Janeiro de 1963.

⁴² *Virtudes humanas e cristãs do Homem de Moçambique*. Porto: Livr. Nelita, 1960, p. 5.

altura, sólida e justa orientação, como aliás é manifesto dever de todos. Será neste esforço orientador da formação integral dos povos africanos que hão-de alinhar-se, com elevação, aprumo e equilíbrio, as soluções complexas, delicadas e urgentíssimas, dos mais graves problemas daquele continente. A hora actual da África há-de ser de inteligência altamente esclarecida, de audácia atrevida e de profunda fé cristã. De outra sorte, não estaremos à altura do tempo que nos foi dado viver, nem das responsabilidades que assumimos, nem do ritmo a dar ao curso da nossa história»⁴³.

Nesta matéria de doutrinação acerca da actividade colonizadora e defesa dos direitos das gentes, D. Sebastião conhece a posição de F. Vitória e de Francisco Suarez, mestres do pensamento do século XVI. Deseja muito, já em 1957, «carrear [...] pedra para a edificação» de uma reflexão nacional sobre o tema⁴⁴. Sente que «formar povos não é criá-los, nem fazê-los, em tudo, à sua imagem e semelhança»⁴⁵. Defende por isso «a integração plena e total de pretos e brancos de Moçambique»⁴⁶. Vai ganhando consciência clara do problema e em 1962 afirma:

«Se não acabarmos já e de uma vez para sempre com o ultrapassado Estatuto do Indigenato, a fim de o substituímos pela legislação portuguesa para todos os portugueses... poderá suceder que, diante de tão acelerado ritmo de domínio de certas ideologias se chegue tarde demais»⁴⁷.

Reconhece as dificuldades para a mudança ao dizer

«Nada é mais difícil do que fazer um verdadeiro cidadão. É que o cidadão supõe o homem e, ninguém é perfeito cidadão se antes não for homem de verdade»⁴⁸.

⁴³ *Ibidem*, p. 6-7.

⁴⁴ *Os grandes relativos humanos em Moçambique*. Porto: Livr. Nelita, 1961, p. 10.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 6.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 9.

⁴⁷ *As grandes tentações dos homens*. [s.n.], 1962

⁴⁸ *Por um Moçambique melhor*. Lisboa: Morais Ed., 1963, p. 9.

4. Doutrinador incansável

O estilo da pregação de D. Sebastião Resende era simples e profundo. Não temia momentos solenes onde se exigia o sermão eloquente. Ficaram célebres algumas dessas intervenções como a bênção da Catedral de Lourenço Marques em 1944 e a chegada a Moçambique de D. Teodósio Clemente de Gouveia quando recebeu o barrete cardinalício. Mas no dia a dia da vida litúrgica, particularmente na quaresma e no Natal, a sua palavra era mais constante e incisiva.

As dezassete pastorais ⁴⁹, presente anual oferecido à diocese para recordar a sua entrada, qual «cumprimento de um inalienável dever» ⁵⁰, são a revelação maior de um Profeta, anunciador da Palavra do Evangelho para a realidade social, económica, cultural e missionária que estava diante dos seus olhos disponíveis para meditar e fazer reflectir. São documentos preciosos de uma intensa e profunda doutrinação missionária e social. São testemunho da largueza dos seus objectivos sobre a Igreja em África, a traçar passos inovadores na condição social dos moçambicanos, a atender à realidade, estendendo mãos de esperança para os problemas, deixando incidir a luz do Evangelho em contínuo apelo à conversão. São o testemunho de uma força interior alimentada por uma disciplina espiritual marcadamente ascética.

Foi com esta experiência pastoral e imbuído desta capacidade de aplicar a reflexão teológica aos desafios concretos da realidade que ele se deslocou ao II Concílio Ecuménico do Vaticano, que haveria de considerar como «uma espécie de Novo Testamento da época actual» ⁵¹.

Para atestar a sua envolvimento nesta hora da vida eclesial, servirá o estudo das crónicas que enviava para o seu *Diário de Moçambique*.

⁴⁹ Dezoito, se contarmos a primeira saudação pastoral, aquando da entrada. Em 1955 não publicou porque foi ano de férias. Também não fez pastoral em 1960, 1962-1965, devido à presença no Concílio.

⁵⁰ *O Mistério da comunidade cristã* [1.12.1959]. Porto: Livr. Nelita Ed., 1960, p. 5.

⁵¹ *A alma do Concílio*. [25.07.1966]. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1966, p. 3. Para as referências bibliográficas das intervenções conciliares, consultar a Bibliografia publicada por mim nos volumes das pastorais a editar pela Difel.

D. Sebastião Resende contribuiu para a fase de preparação do Concílio respondendo, em 30 de Agosto de 1959, ao pedido de sugestões acerca dos pontos mais importantes a tratar. Sugere, então, vários temas, englobados em quatro matérias: teologia do laicado, teologia dos religiosos, teologia do destino dos homens contra a ideologia do comunismo, teologia da união dos cristãos.

Mais do que qualquer outro, o Bispo da Beira sentia-se unido à plêiade de antepassados, à presença de portugueses no Concílio de Trento, que tão profundamente tinha estudado. Não admira, portanto, que se distinguisse como o bispo português com maior actividade no Concílio. Assinalam-se 10 intervenções.

Na primeira sessão tomou a palavra duas vezes:

- a 12 de Novembro de 1962 sobre o calendário litúrgico e arte sacra. Defende a existência de um calendário universal para uso de todos, mesmo das ordens religiosas.
- a 26 de Novembro sobre os meios de comunicação social.

Em 1963 registam-se mais três intervenções:

- a 22 de Outubro, sobre o esquema «De Ecclesia». Insiste na necessidade de tornar claro que os leigos venham inseridos dentro do povo de Deus.

- a 30 de Outubro, ainda sobre o mesmo esquema, defende que o estado de perfeição se identifica com o estado da vida cristã. Prefere por isso a expressão estado religioso, para não contradizer o chamamento universal à santidade.

- a 14 de Novembro, sobre as dioceses e províncias eclesiásticas. Considera que o critério para a delimitação dos territórios deve ser puramente pastoral. O uso de critérios nacionais, sociais, económicos, são multiplamente perigosos. Quer evitar o «racismo espiritual» e promover a possibilidade de o bispo conhecer o seu rebanho. Nem todas as dioceses têm necessidade de ter seminários e tribunal eclesiástico.

Na sessão de 1964 prossegue com presença activa.

- Em 9 de Outubro, ergue a voz para introduzir alterações no esquema do apostolado dos leigos. Sugeriria que o parágrafo 1º tivesse como título: formas de participação dos leigos na missão da Igreja e pede que se explicitasse melhor o fundamento doutrinal do princípio segundo o qual a vocação cristã é vocação ao apostolado.

· a 20 de Outubro, intervém sobre a Igreja no mundo contemporâneo. Salienta três aspectos: a doutrina social da Igreja não deve ficar no papel, mas concorrer com auxílio e colaboração concreta para as questões sociais e económicas; os leigos devem ser formados nas questões políticas a fim de poderem, como cidadãos conscientes, cumprir a sua missão; não basta uma Igreja dos pobres, mas é necessário uma Igreja pobre, no espírito evangélico, porque será a nota de maior credibilidade para revelar o rosto de Cristo ao mundo.

Na última sessão do Concílio conserva ainda o fulgor inicial e continua a colaborar para a renovação da Igreja.

· a 28 de Setembro de 1965, sobre a dignidade da pessoa humana. Faz um apelo veemente para que o Concílio tome uma posição firme e solene declarando que todos os homens não só são iguais, mas são irmãos. Essa será a única resposta total às aspirações fundamentais do mundo. Considera que essa verdade seria a coroa e síntese de tudo o que o Concílio disse.

· a 12 de Outubro, sobre a actividade missionária da Igreja, pretende chamar a atenção dos Padres conciliares para a necessidade de se valorizar mais a urgência da acção social. E concretiza pela criação de estruturas fundamentais de higiene, saúde, progresso, agricultura e promoção humana. Esta acção deve ser obra dos leigos para que o clero se entregue ao seu múnus específico. Pede que a espiritualidade missionária apareça como um todo único e vivo e não como partes justapostas. E o centro unificador será a Eucaristia.

· a 16 de Outubro, é altura para falar do «ministério e vida dos presbíteros». Tendo uma perspectiva cristológica do sacerdócio, vê a dignidade do padre proveniente da relação com Cristo em virtude do carácter que o sacramento da Ordem imprime. Pede que se introduza um parágrafo para afirmar que o presbítero é gerador da comunidade cristã. Não vive para si, mas para a comunidade, nada há de individualista na vida pastoral do padre. No ponto em que se trata das relações entre bispos e padres, padres entre si e com os leigos, deve o texto dizer abertamente que se quer referir tanto aos diocesanos como aos religiosos. O padre religioso é antes de mais sacerdote da Igreja e do bispo do que do seu Instituto. Considera necessário que os pastores correspondam ao tempo em que vivem.

5. A «última pastoral»

Pouco depois de chegar do Concílio, em 20 de Janeiro de 1966, o que é ocasião para uma grandiosa manifestação de júbilo popular, o mal começa a afectar-lhe a garganta. No *Diário* de 1 de Fevereiro refere que é visto por um médico que o põe perante a eventualidade de ser um cancro. No dia 8, já tem confirmação. É um cancro no esófago. Terá de ser operado. Parte no dia 13 de Fevereiro da Beira. No dia 11 de Fevereiro, antes de partir, escreve o seu breve testamento espiritual e ecuménico. Agradece a Deus, Trindade Santa; pede perdão a Deus, aos irmãos em Cristo da diocese; atesta a oração pelos irmãos separados e não-cristãos; agradece aos colaboradores mais íntimos; quanto aos bens materiais «nada tenho a dispôr porque nada possuo»; o enterro deve ser simplicíssimo. Trata-se em Heidelberg e confirma-se da gravidade da doença. A 23 de Fevereiro de 1966 em carta da Alemanha dizia: «é tumor maligno... estou sereno e o Senhor tem-me dado a graça de pedir a saúde em estilo de Getsemani»⁵². O médico aconselhou-o a que se recolhesse junto da família para descansar e preparar o desenrolar final. Mas quis seguir para a Beira. Em Roma será, mais tarde, sujeito a novo tratamento e regressará à Beira convalescido.

Averiguou-se com exactidão, em 22 de Novembro, que as metástases se apoderavam de seus pulmões. Confessava no *Diário*: «Estou no fim». Em seguida foi à capela e disse: «Senhor aceito tudo, mas que não me falte a vossa graça»⁵³. Continua a trabalhar quanto lhe é possível. A 25 de Novembro, na presença de todos os da casa e do pároco da catedral, recebeu a Santa Unção na capela, de joelhos. Pediu perdão ao clero, às irmãs e aos irmãos. Três semanas antes de morrer ainda acedeu a ir à Suécia, mas voltou sem alívio nem recuperação.

No dia 13 de Janeiro regressa à Beira em avião da TAP depois deste tratamento, muito beneficiado pelos cuidados do Dr. Rodrigues Afra, Embaixador de Portugal em Estocolmo.

Na sua passagem por Lisboa, no breve período que permaneceu no Hospital do Ultramar, foi visitado pelo Cardeal Patriarca, Núncio Apostólico, Arcebispo de Cízico, D. Manuel Falcão — Bispo auxiliar

⁵² TEIXEIRA, F. Nunes, bispo — *Homem da Igreja ao serviço da comunidade humana*. Igreja e Missão. 1967, 16, p. 539-540.

⁵³ *Ibidem*, p. 540.

do Patriarcado ordenado naqueles dias e que declarou que a primeira intenção de missa da sua ordenação episcopal era o Senhor D. Sebastião, nesta hora máxima do seu pontificado exemplar —, Almirante Sarmiento Rodrigues, Prof. Adriano Moreira e Prof. Silva Rego, Desembargador Castelo Branco Girão, Dr. Carlos Lima e Luís Lupi, director da agência Lusitânia, e muitos outros amigos.

À partida, cerca das 2 horas da madrugada do dia 13, encontra a presença do Núncio Apostólico que, apesar de uma hora de espera para descolar, ali fica até ao último momento ⁵⁴.

Quando chegou à Beira vindo de Estocolmo para a emocionante agonia, tinha a esperá-lo uma ambulância dos Serviços Oficiais de Saúde, conduzida pelo seu amigo Dr. Lacerda Escobar, Director do Hospital. Saiu em maca do avião e perguntaram-lhe se queria ir para o Paço ou para o Hospital. Apressou-se a responder: «Vamos para casa. Um bispo morre na sua casa» ⁵⁵.

A última semana foi uma prolongada agonia plena de dor. Conservou a lucidez e declarava com a mesma determinação de sempre: «estou a escrever a última pastoral». Quando a morte já batia à sua porta, no templo ortodoxo grego rezava-se pelas suas melhoras, na mesquita muçulmana havia preces pela saúde do Bispo, os hindus interessavam-se pelo prelado. D. Sebastião foi verdadeiramente pioneiro na vivência ecuménica. E a coerência da sua vida cristã e evangélica bem timbrada, irradiava e aproximava a todos.

A notícia inevitável chegou na manhã do dia 25 de Janeiro: morreu o Bispo da Beira. Eram 10, 45 horas. Fica a presença que faz falta, fica a fecundidade que agora é misteriosa. Assistiram às derradeiras horas o Vigário Geral da Diocese, Mons. Manuel Barbosa; seu sobrinho, Mons. José Soares Martins; o antigo Vigário Geral, Mons. Albino Soares de Pinho e algumas religiosas.

Os restos mortais do prelado ficaram em câmara ardente no Paço e foram trasladados às 17 horas para a catedral, na quinta-feira.

Na sexta-feira, dia 27, às 10 horas o arcebispo de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira, presidiu às solenes exéquias.

Foi sepultado no cemitério de Santa Isabel em campa rasa, no cruzamento de dois caminhos principais, «que fosse o mais calcado

⁵⁴ Cf. A voz do Pastor. 28 Jan. 1967.

⁵⁵ SILVA, M. Ferreira da — *Um bispo na sua casa*. Igreja e Missão. 1967, 16, p. 545.

pelos visitantes», como rezava o testamento. Sobre a pedra uma inscrição: «Sebastião, primeiro bispo da Beira».

No dia 3 de Fevereiro na Sé do Porto também se efectuaram exéquias solenes presididas por D. Florentino Andrade e Silva, tendo como orador P. Armando Pereira, pároco da Vitória, seu condiscípulo.

Só a morte dá o peso justo ao percurso de uma vida.

O retrato físico de D. Sebastião é traçado, com pinceladas certas, por Manuel Ferreira Rosa:

«Figura delgada, e magra, face seca de asceta. Olhar de brilho quase febril, seguro, directo, penetrante e inquisidor, em centrada e tensa decisão bem patente — todo ele força de vida interior, opiniosidade frontal, inteligência aberta...»⁵⁶.

Era deste corpo que saía a voz firme do defensor de Deus e por isso sentinela atento da sua justiça nas vidas de todos os humanos que lhe eram dadas ao coração de pastoral solicitude. Era nesta figura emagrecida que brilhava uma capacidade de ler a realidade, uma energia sem medo de reflectir, à luz do Evangelho, os factos marcantes da vida do povo.

Na vida interior, disciplinadamente pautada pela exigência, estava o fulcro de toda a gigantesca actividade intelectual, pastoral, missionária e social.

A paisagem interior da sua fé inabalável até ao fim, crivada pela dor e firmada por uma agonia oferecida conscientemente, é o segredo da sua simplicidade no trato, intransigência na defesa da justiça, verticalidade perante gente desleal e manhosa, admiração dos contraditores. Porque era profundamente conservador na sua piedade e vida espiritual, não temia o risco de anunciar uma Palavra que sabia do Alto. Era habitado por uma tal pureza de intenção que a denúncia do mal ocorria espontânea à pena forte das linhas pastorais e aos lábios eloquentes das suas palavras ardentes, nascidas no Fogo do Amor e no silêncio do encontro com Deus.

⁵⁶ ROSA, Manuel Ferreira — «*Sebastião, 1º Bispo da Beira*». O Debate. 4-2-1967.